

FICHA TÉCNICA

Título original: *Did You Ever Have a Family*

Autor: Bill Clegg

Copyright © 2015 by Bill Clegg

Tradução © Brilho das Letras, Lisboa, 2016

Tradução: Maria João Freire de Andrade

Revisão: Mariana Portela/Editorial Presença

Imagens da capa: Shutterstock

Capa: Vera Espinha/Editorial Presença

Composição, impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 412 873/16

1.ª edição, Lisboa, setembro, 2016

Jacarandá é uma chancela da Brilho das Letras

Reservados todos os direitos

para Portugal à

Brilho das Letras

Uma empresa Editorial Presença

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@jacaranda.pt

www.jacaranda.pt

facebook.com/jacarandaeditora

Este livro é uma obra de ficção. Quaisquer referências a acontecimentos históricos, pessoas ou locais reais, são usadas de modo ficcional. Outros nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produto da imaginação do autor, e qualquer semelhança com acontecimentos, lugares ou pessoas reais, vivas ou mortas, é pura coincidência.

Para Van, e as nossas famílias

Devias tê-lo
ouvido,
a sua voz era
inesquecível, irresistível, a sua voz
era um jardim imaginário entrelaçado por fragrâncias.

Alguma vez tiveste uma família?

Os olhos deles estão fechados.
É assim que sei
que estamos ali
dentro daquilo,
aquilo que é feito do som e vapor
que se tece entre a sala de jantar escura,
a cozinha brilhante.
Estamos ali porque tenho fome,
e em breve estaremos a comer juntos,
e a fome é doce

— Alan Shapiro, «Song and Dance»

Silas

Ele acorda ao som das sirenes. Abundantes, ruidosas e muito próximas. De seguida, buzinas: resmungos rápidos, irados, como as campainhas que assinalam o intervalo nos jogos de basquete que ele vê na escola, mas os quais não joga. O seu telemóvel indica 6:11 a.m., mas lá em baixo a casa está acordada e barulhenta, e por causa do tom peculiar da voz rouca e matinal da mãe, arranhando acima da do pai e das irmãs, ele sabe que se passa algo de errado.

Antes de afastar os cobertores com um pontapé, Silas puxa a sua mochila amarela de baixo da cama. Tira do interior um cachimbo de água vermelho e pequeno, que o seu amigo Ethan lhe deu no mês passado, no seu décimo quinto aniversário, juntamente com um saco de erva que fumou em menos de uma semana — grande parte enquanto trabalhava, a arrancar ervas daninhas dos canteiros e pátios dos nova-iorquinos ricos. Escolhe um botão verde do pequeno *Tupperware* cinzento onde guarda a droga, parte-o cuidadosamente ao meio, e pressiona o bocado maior no interior do forninho metálico. Agarra a base meio cheia de água, que está pousada em cima da mesa de cabeceira, e deita-lhe algumas gotas antes de acender o cachimbo. Ao inalar, repara no fumo a enrolar-se em direção à sua boca, engrossado pelo tubo vermelho, o fumo que se vira lentamente como uma folha a retorcer-se debaixo de água. Quando o botão se transformou quase todo em cinza, ele puxa o caule para fora e solta o fumo para os pulmões. A água gorgoleja na base, e ele tem o cuidado de inalar suavemente para minimizar o som. Abre a janela, empurra a portada para o lado e inclina-se para fora, soltando uma exalação profunda, desleixada.

Observa o fumo a pairar à sua frente, a ser apanhado pelo vento, a desaparecer. Sente o ar frio contra o rosto e o pescoço, e espera que a erva faça a sua magia. O céu tem tonalidades rosa e azul-claras, e ele segue com o olhar o longo rasto de um avião acima dele, até aquele se desvanecer por cima do telhado da garagem. As faixas são penugentas e soltas, e pensa que o avião deve ter passado por ali há horas, antes do dia nascer. Para onde?, pergunta-se, a droga começando a transformar os seus pensamentos em formas geométricas.

Abaixo dele, quatro corvos gorduchos aterram desajeitadamente no relvado. Observa-os a saltitar, a avançar, e a apertar as asas contra os corpos de peitos enfunados. Têm o tamanho de gatos domésticos, pensa, enquanto segue os seus movimentos rápidos e mecânicos. Passado um bocado, e por nenhum motivo aparente, eles param, completamente imóveis. Não lhes consegue ver os olhos, mas sente que olham para ele. Retribui o olhar. Os pássaros inclinam a cabeça de um lado para o outro, como se tentando perceber aquilo que veem. O vento puxa-lhes as penas por trás e, depois de mais alguns saltos, levantam voo. Ao voarem, parecem ainda maiores, e pela primeira vez pensa que poderão ser falcões, ou abutres. Depois, como se recuperando a fala, aves de variadas espécies guincham, cham e chilreiam de todas as direções. Sobressaltado, Silas bate com o cocuruto no cimo da janela. Esfrega o sítio e inclina-se ainda mais para fora. Outra sirene, diferente das outras — mais estridente, mais perturbada —, grita à distância. Tenta localizar os corvos, que desapareceram no céu complicado da manhã. Em vez disso, aquilo que encontra são formas familiares nas faixas e massas de nuvens: um par montanhoso de seios inchados, óculos de sol retro, uma ave feroz de asas imensas. Depois vê aquilo que não se assemelha a nada, apenas aquilo que é: fumo, negro e denso, erguendo-se acima do telhado. A princípio, pensa que a casa está em chamas, mas quando se inclina para fora e olha para trás, consegue ver que o fumo surge atrás das árvores do outro lado da propriedade. De seguida, sente o cheiro — o fedor gorduroso de um incêndio, que queima mais do que madeira. Também consegue sentir o seu

sabor e, ao inalá-lo, ele mistura-se com o cheiro a erva, ainda na sua língua e garganta. Os pássaros tornam-se mais ruidosos. Guinchando, berrando, aquilo que parecem ser palavras. Pensa ouvir *Vai! Tu! Vai!*, mas sabe que é impossível. Abre e fecha os olhos, tenta processar tudo aquilo: o fumo, o cheiro, os pássaros, as sirenes, o céu magnífico. Estará a sonhar? Será aquilo um pesadelo? Será a erva? Obteve-a de Tesse, da banca de legumes no cimo da estrada, e normalmente o seu produto é suave — não como os botões alucinogénicos, que ele e os amigos foram buscar a Yonkers, conduzindo durante uma hora e meia para sul. Deseja estar a ter um pesadelo ou uma alucinação, mas sabe que está acordado e que aquilo que vê é real.

Junto à linha de árvores do outro lado da casa, o fumo injeta-se para o céu como poluição saída de uma chaminé de desenho animado. Expande-se e dispersa, expande-se e dispersa. De seguida uma nuvem terrível, maior do que as restantes, incha, vinda da mesma fonte invisível. É densa, negra como carvão, e ligeiramente prateada nas bordas. Ao erguer-se, dilata-se até um cinzento-esverdeado, e depois dissolve-se numa voluta longa e retorcida, que atravessa o céu como um dedo do meio apontado.

Silas recua da janela. Ainda vestido com os calções e a *T-shirt* da noite anterior, calça os ténis *New Balance*, velhos, cinzentos e brancos, aqueles que usa quando faz os seus trabalhos de jardinagem, ou empilha madeira com o pai. Olha para o espelho por cima da cómoda e vê que tem os olhos rosados, ligeiramente protuberantes, e as pupilas dilatadas. O cabelo loiro-escuro, que não lava já há alguns dias, está embaraçado e oleoso, colado à cabeça nalguns lugares, espetado noutros. Passa um desodorizante *roll-on* pelos sovacos e põe o boné de esqui *Mohawk Mountain*, de bombazina preta. Bebe o resto da água da garrafa junto da cama, e enfia algumas tiras de pastilha elástica na boca. Pega na mochila amarela e enfia no seu interior o cachimbo de água, o isqueiro, e o pequeno *Tupperware*. Esfrega os olhos com os punhos, respira fundo, exala e dirige-se à porta do quarto.

O seu polegar e indicador roçam a maçaneta, e recorda-se da noite anterior, onde esteve e o que aconteceu. Recua, repete os seus

últimos movimentos antes de adormecer, revê tudo uma e outra vez, para se certificar de que não é um sonho que está a recordar. Pensa e afasta a possibilidade de voltar a usar o cachimbo, antes de sair do quarto. Mantém-se imóvel, fala sozinho num sussurro. *Estou bem. Está tudo bem. Não aconteceu nada.*

No piso inferior, o *iPhone* da mãe toca inocentemente, com o som de um telefone antiquado. Ela atende ao terceiro toque, e a casa fica silenciosa. Agora, os únicos sons são as sirenes incansáveis, as buzinas resmungonas e o zumbido distante das hélices de um helicóptero a baterem o ar. O pai grita o seu nome da cozinha. Silas afasta-se da porta.

June

Ela irá. Vai enfiar-se na carrinha *Subaru* e descer aquelas estradas campestres retorcidas e serpenteantes até encontrar uma autoestrada, que se dirija para oeste, para um lugar distante. Continuará a conduzir durante o máximo de tempo e o mais longe que lhe for possível, sem um passaporte, pois aquele que tinha já não existe. A sua carta de condução, juntamente com tudo o que se encontrava na casa, também desapareceu, mas acha que não vai precisar dela, a não ser que a polícia a mande parar por excesso de velocidade. Não planeara partir naquela manhã em particular, mas depois de ter acordado, tomado banho, e vestido lentamente as calças de ganga e a camisola de algodão, de gola à marinheiro e riscas azuis e brancas que usa há semanas, ela sabe que chegou o momento.

Lava e enxuga a caneca estalada, a tigela de cerâmica e a velha colher de prata, que tem utilizado desde que chegou àquela casa emprestada; sente o peso de cada objeto, quando o volta a colocar cuidadosamente no armário ou gaveta. Não há nada a arrumar na mala, nada a organizar ou a preparar. Tudo o que tem com ela é a roupa que traz vestida, e o casaco de linho que vestiu há dezoito noites quando saiu apressada de casa. Ao enfiar devagar os braços pelas mangas gastas, tenta recordar-se da razão por que o teria vestido. Estava frio na cozinha? Tê-lo-ia tirado do bengaleiro sobrecarregado, junto da porta do alpendre, antes de desatar a correr pelo campo, tendo o cuidado de não acordar todos os que se encontravam no piso de cima? Não se consegue lembrar; e, quando começa a rever os acontecimentos

daquela noite e da manhã seguinte, reexaminando cada passo com uma atenção forense, obriga-se a parar.

Que tivesse com ela o cartão de débito e as chaves da carinha, foi pura sorte — estavam no bolso do casaco —, mas não pensa em si mesma como alguém afortunado. Ninguém pensa. No entanto, aqueles passageiros clandestinos da sua antiga vida permitem-lhe agora partir da povoação, que é tudo o que ela quer. Não é inquietação, ou um desejo de se encontrar noutra sítio, mas a percepção repentina de que o seu tempo naquele lugar expirou. *Ok*, exala, como cedendo a uma discussão longa, impossível de vencer. Olha pela janela da cozinha para os lírios-de-um-dia laranja e vermelhos, que florescem atrás daquela casa que não é a sua. Pressiona as mãos contra a borda do lava-louça e, na cave, o secador que encheu há uma hora com lençóis molhados assinala com um balido prolongado e ríspido que o seu dever está cumprido. A porcelana está fria debaixo das suas mãos. A casa sem som está agora ruidosa com o nada, com ninguém. Uma dor derretida regressa, revira-se no seu peito, arranha-a lentamente. No exterior, os lírios-de-um-dia agitam-se sob o vento matinal.

Não chorou. Não naquele dia, nem nos funerais, nem depois. Pouco disse, tem tido poucas palavras quando precisa delas, e só é capaz de assentir, abanar a cabeça e enxotar os preocupados e curiosos, como faria a enxames de mosquitos. O chefe dos bombeiros e o agente da polícia responderam mais a perguntas do que as fizeram — o fogão antigo; gás a pingar através da noite e do revestimento, como líquido; o piso superior da casa; uma fagulha, muito provavelmente de um interruptor ou de um isqueiro, embora não tivessem encontrado nenhum; a explosão; o fogo repentino, que consome tudo. Não lhe perguntaram porque era a única fora de casa às cinco e meia da manhã. Mas quando o agente lhe perguntou se Luke, o namorado, tinha algum motivo para a querer magoar ou à sua família, ela levantou-se e saiu para o átrio da igreja, onde fora instalado um quartel-general temporário. Aquela é a igreja onde Lolly, a sua filha, teria casado naquele dia; do outro lado da estrada, e a curta distância de casa.

Os convidados apareceram uma hora antes à espera de um casamento e, em vez disso, encontraram um parque de estacionamento cheio de carros da polícia, ambulâncias, carros dos bombeiros e carrinhas de órgãos da comunicação social. Lembra-se de sair da igreja e dirigir-se à sua amiga Liz, que estava à espera no carro. Lembra-se de como as conversas pararam, como as pessoas se remexeram e quase se afastaram do seu caminho. Ouviu o seu nome a ser chamado — de um modo tímido, inseguro —, mas não parou, nem se virou para responder. Ela era, sentia-o vividamente quando chegou ao lado mais afastado do parque, uma intocável. Não do escárnio ou do medo, mas da obscenidade da perda. Era inconsolável, e a completude assustadora daquilo — todos, desaparecidos — silenciou até aqueles mais habituados às calamidades. Sentia todos os olhos pousados nela, enquanto abria a porta do carro para entrar. Lembra-se de ver, pela visão periférica, uma mulher a aproximar-se dela, de mão estendida. Sentada, viu, pela janela, Lydia, a mãe de Luke — peito grande, blusa de cor viva, cabelo comprido e castanho apanhado à pressa na cabeça. Era a segunda vez que a via naquele dia e, tal como antes, apesar de uma vontade imensa de ir ter com ela, era-lhe impossível enfrentar a mulher. *Arranca*, foi tudo o que conseguiu dizer a Liz, que estava sentada no lugar do condutor, enfeitada e muda, como todas as outras pessoas no parque de estacionamento.

A polícia nunca mais a interrogou acerca do que acontecera naquela noite e na manhã seguinte. Os amigos nunca mais a incomodaram com as mesmas perguntas cautelosas (se estava bem, se precisava de alguma coisa) quando ela deixou de responder. Um sorriso fraco, um olhar apático e um virar da cabeça desencorajava até os mais persistentes. Havia uma repórter do noticiário da manhã que era particularmente agressiva. *As pessoas querem saber como está a sobreviver*, perguntara-lhe aquela mulher — que estava na televisão desde a década de 1970, mas não tinha uma ruga ou linha no rosto — em frente da casa funerária. *Ninguém sobreviveu*, respondeu ela, e depois, em voz baixa, *Pare*, e a mulher parou. Por fim, todos aqueles que tinham estado na povoação para o casamento de Lolly partiram, as perguntas terminaram, e ela

ficou, aos cinquenta e dois anos e pela primeira vez na vida, sozinha. Durante aquela primeira semana e depois disso, recusou-se a lamentar-se, a ir-se abaixo ou, de qualquer outro modo, a iniciar um processo que a faria voltar a juntar-se ao mundo novo e agora vazio — ou, como alguém insistiu numa mensagem bem-intencionada mas anónima que acompanhava uma das centenas de coroas fúnebres, a *recomeçar*.

Abotoa o casaco, e começa a fechar e a trancar as janelas da pequena casa de campo, que uma pintora que outrora representara lhe emprestou. *Durante o tempo que precisares*, disse Maxine naquele dia, pelo telemóvel de Liz, *a casa é tua*. Maxine vivia em Mineápolis, onde se encontrava quando tudo aconteceu. Como ela o descobrira tão depressa e soubera aquilo que era necessário, era algo que June ainda não sabia. Algumas pessoas, decidiu, ressurgem como por magia em momentos terríveis sabendo exatamente o que fazer, que espaços ocupar. A casa de campo ficava do outro lado de Wells, a pequena localidade em Litchfield County, Connecticut, onde a sua casa se erguera; a casa, onde fora aos fins de semana durante dezanove anos, e onde vivia a tempo inteiro durante os últimos três. A casa pequena e empoeirada de Maxine é suficientemente distante e pouco familiar para que aquelas semanas se tornem suportáveis. Que qualquer coisa pudesse ser suportável era uma revelação vergonhosa, que lhe surgia minuto a minuto. Como é que estou aqui? Porquê? Permite-se aquelas perguntas, mas guarda outras de si mesma. É mais seguro fazer aquelas para as quais não tem resposta.

Recusou-se a dar entrada no hospital da povoação, ou a tomar qualquer um dos sedativos ou estabilizadores de humor, para os quais as poucas pessoas à sua volta a encorajaram a pedir uma receita ao médico. Não há nada para estabilizar, pensa ela. Nada que valha a pena ficar estável. Todos os dias, na casa de campo, ela dorme até depois do meio-dia; de seguida, levanta-se, muda-se da cama para a cadeira, da cadeira para a mesa da cozinha, da mesa para o sofá e, por fim, regressa à cama. Ocupou espaço, tolerou cada minuto até ao minuto seguinte, e depois o que se segue a esse.

Apaga a luz da cozinha, tranca a porta da frente e coloca a chave debaixo do vaso do gerânio, perigosamente colocado perto da borda do degrau. Com uma certa relutância, caminha da casa para a carrinha apercebendo-se de que, provavelmente, aqueles passos são os últimos que dará no que resta da sua vida naquele lugar. Escuta os pássaros e, ao fazê-lo, pergunta-se o que é que espera ouvir. Despedidas? Imprecações? Os pássaros veem tudo, pensa, e por agora estão silenciosos. Sob o dossel alto das acácias, que se estendem entre a casa de campo e a rampa onde a carrinha está estacionada, ouvem-se poucos sons para além do zumbido fraco e desvanecido das cigarras — que emergiram há poucas semanas do seu sono de dezassete anos para acasalar, encher o mundo com o seu sussurrar elétrico, e morrerem. O seu aparecimento repentino afigurara-se um bom presságio na semana que antecederia o casamento de Lolly, quando as notícias lentas do início de verão pareciam falar apenas daquilo. O seu último arquejo parece agora tão adequado como parecera o seu ressurgimento na altura.

June apressa-se a avançar os últimos passos e abre a porta do lado do condutor, fechando-a de seguida violentamente. Atrapalha-se com as chaves, a princípio incapaz de encontrar a correta. Olha para as quatro que se encontram no porta-chaves, como se cada uma delas a tivesse traído: uma do *Subaru*, outra da porta da frente da sua casa, uma da carrinha de Luke, e uma antiga, que ainda tem do seu último apartamento alugado na cidade. Tira-as a todas, exceto a do *Subaru*, e deixa-as cair no suporte de copos junto do assento. Vira a chave na ignição, e enquanto a máquina desperta a rugir ao seu redor e debaixo de si, volta a perceber que está acordada e no mundo, não a tropeçar através de um pesadelo bizarro. *Isto é o mundo*, pensa com um maravilhamento sombrio, tocando apaticamente no volante.

Desce a rampa de marcha-atrás no *Subaru* preto, de seguida mete a primeira, e avança lentamente ao longo da estrada de terra até entrar na Route 4. Enche o depósito numa estação de serviço em Cornwall e continua a conduzir, até a estrada convergir a sul na Route 7, com as suas descidas rápidas, curvas, e bermas íngremes e

relvadas. Numa extensão vazia da estrada, pesca as três chaves do suporte de copos, abre a janela do lado do passageiro, e num movimento rápido atira-as para fora do carro. Fecha a janela, pressiona com mais força o acelerador, e passa velozmente por dois cervos malhados, que tropeçam a alguns metros da mãe. Desde que conduz entre o Connecticut e Manhattan, dúzias de veados têm pastado ao longo daquela faixa de estrada, indiferentes aos carros que passam a poucos metros de distância. Quantas vezes um deles se lançou disparado contra o trânsito, pensa, e imagina todos os possíveis acidentes — aqueles que sofreu, e os incontáveis outros a que todas as pessoas que conduzem por aquela estrada sobreviveram, agradecendo a Deus e exalando, ao afastarem-se acelerando, em segurança. Pensa nas almas desafortunadas que não escaparam, e nas inúmeras catástrofes que aquelas criaturas belas e estúpidas devem ter provocado. Acelera, ultrapassando o limite de velocidade... 80, 90, 100... e quando a carrinha estremece, ela pensa na quantidade de pessoas que ali morreram, os seus corpos arrastados do metal retorcido, queimados e transformados em objetos que já não se assemelham a seres humanos. As palmas das suas mãos ficam húmidas no volante, e ela limpa-as à vez nas calças de ganga. O casaco leve parece-lhe apertado e opressivo, mas não para a carrinha para o despir. Passa por outro grupo de veados — uma corça e um jovem macho, com a sua cria de patas alongadas —, e ao fazê-lo, imagina os destroços: vidro estilhaçado, pneus fumegantes, sobreviventes a identificar os corpos. A sua respiração é rápida e superficial, e está a assar dentro da roupa. A sul da vila de Kent, chega a uma extensão aberta de estrada, campos de milho estival estendendo-se em fileiras apertadas de ambos os lados. A velocidade aproxima-se dos 110, e as janelas chocalham nos encaixes. Vê mentalmente, em maior detalhe do que desejaria ser capaz, um mar de fitas amarelas, de cena de crime, as luzes dos carros da polícia e dos bombeiros, as faíscas e o fumo dos sinais luminosos, ambulâncias alinhadas com paramédicos parados por perto, inúteis.

Imagina os sobreviventes atordoados, a cambalearem sem destino. Circunda a cada um, agitada com perguntas. Quem é que

conduzia? Quem olhou para o outro lado, no momento errado? Quem mexeu no rádio, em vez de prestar atenção? Quem se inclinou para a frente para procurar um rebuçado na mala, ou um isqueiro, e ao fazê-lo perdeu todas as pessoas que lhe eram importantes? Quantos, pergunta-se, saíram dos destroços sem qualquer ferimento ou arranhão? E desses afortunados e vivos, quem estivera no meio de uma discussão pouco antes do momento do impacto? Quem estivera a discutir com alguém que amava? A discutir durante o tempo suficiente para libertar as palavras irrecuperáveis, aquelas que sabiam utilizar porque lhes fora confiado quais magoavam mais. Palavras que cortavam rápida e profundamente, infligindo danos que apenas o tempo poderia reparar, mas agora já não restava tempo. *Estas pessoas*, murmura ela, algures entre uma imprecisão e uma consolação. Vê-as agachadas ao longo da berma da estrada, dobradas para a frente, sozinhas.

A transpiração ensopa-lhe a roupa, e as mãos tremem-lhe no volante. Os faróis, de um carro vindo em sentido contrário, piscam; e ela lembra-se que uma multa por excesso de velocidade acabará com a sua fuga. Não tem qualquer identificação, nem cartão da Segurança Social ou certidão de nascimento, o que seria o mínimo necessário para arranjar uma nova carta de condução. Ablanda a velocidade até aos 80, e deixa que uma carrinha de caixa aberta verde a ultrapasse. Teria o condutor visto os faróis a piscar? A julgar pela velocidade com que ele ia, duvidava. Só prestamos atenção às coisas certas, pensa, observando a carrinha a desaparecer atrás de uma curva mais à frente, quando é demasiado tarde.

Abre a janela e o ar entra no carro, arrefecendo-lhe a pele húmida e fazendo esvoaçar o cabelo loiro platinado, que habitualmente lhe cai sobre os ombros, mas que agora usa num rabo de cavalo curto e há semanas que não lava. À sua direita, o rio Housatonic serpenteia ao lado da estrada indomável, o Sol do meio-dia refletindo-se nas suas correntes indolentes. Descontrai-se, não devido à frescura do ar, mais devido à sua turbulência. Abre a janela do lado do passageiro e, sentindo

o caos acrescido, abre as outras duas atrás de si. O vento explode através do carro. Lembra-se do antigo quadro mágico de Lolly, e de como ela se perturbara quando uma amiga o abanara e o misterioso interior areoso ficara completamente limpo, qualquer que fosse o rabisco cuidadoso que ela ali fizera. Lembra-se dos gritos de Lolly — estridentes, selváticos, indignados —, e de como se recusou a ser consolada ou tocada. Passar-se-ia mais de um ano antes de Lolly permitir que aquela sua amiga voltasse para brincar. Mesmo em pequena, a sua filha guardava rancores.

June fecha os olhos e imagina o carro impelido pelo vento como um quadro mágico arremessado para a frente, o ar áspero limpando-a. Ouve aquele som único de areia a ser abanada contra plástico e metal, e por momentos o truque funciona. A sua mente esvazia-se. As calamidades imaginadas à beira da estrada e os seus culpados cheios de autocomiseração desaparecem. Até uma Lolly furiosa, lavada em lágrimas, se desvanece.

June instala-se mais profundamente no assento e abranda, mesmo abaixo do limite da velocidade. Passa por uma banca de produtos hortícolas; uma farmácia nova, onde outrora se encontrava um clube de vídeo; quilómetros de muros de pedra a ruir; e uma casa branca e empoeirada com o mesmo letreiro pintado a rosa na fachada, que está ali há tanto tempo quanto ela se recorda: a palavra CRISTAIS estampada a azul-claro, por baixo de letras pretas que informam LOJA DAS PEDRAS. Durante anos, aquelas foram as coisas que via naquele trajeto — cada uma assinalando a distância entre as duas vidas que, durante tanto tempo, tinham sido apenas uma. Tenta voltar a conjurar o quadro mágico — daquela vez para apagar a recordação de todas as fugas vertiginosas da cidade às sextas-feiras à tarde, e os regressos demasiado rápidos aos domingos à noite, com Lolly sentada no assento de trás, Adam à frente, como sempre conduzindo demasiado depressa, e June virando-se entre ambos, falando de professores e treinadores escolares, que filme ver naquela noite, o que comer. Aqueles passeios de carro passaram a voar, e foram a parte menos complicada das suas vidas. Recordá-los tira-lhe o fôlego, surpreende-a com uma

dor intensa por uma época que raramente recorda com carinho. Se apenas pudesse ter sido assim tão simples: os três num carro, a caminho de casa.

O rio desaparece de vista e ela abranda até aos 30, ao aproximar-se de um trecho de meio quilómetro, que todos os que viajam regularmente por aquela estrada sabem conter um radar da polícia. Atravessa a vila de Kent para New Milford, e passa pelo McDonald's, que há muito considera a fronteira oficiosa entre o campo e os subúrbios. No parque de estacionamento, crianças saem pelas portas abertas de uma carrinha verde-escura, como palhaços do carro de um circo, e param irrequietas perante uma fileira de motas sofisticadas, estacionadas em frente do edifício. Um jovem corre por trás das motas, um robusto *Labrador* cor de chocolate mantendo um ritmo perfeito ao seu lado. Atravessam em frente de uma antiga estação de serviço, entaipada e vazia, as bombas removidas. June lembra-se de ter parado ali duas, talvez três vezes, ao longo dos anos em que conduz por aquela estrada, mas não se consegue lembrar de quando a estação fechou. Ervas daninhas irromperam pelo pavimento rachado do parque de estacionamento, e ela repara que o *Labrador* contorna um molho sujo de dentes-de-leão e relva, sobre o qual levanta uma pata e urina. A alguns metros de distância, o seu dono mantém-se pacientemente a correr no mesmo lugar.

O semáforo à sua frente muda para vermelho, e ela abranda até parar atrás de outra carrinha *Subaru*, verde-escura, dum modelo mais recente, e cheia com o que parecem ser adolescentes. Evita olhar para eles, e concentra-se na matrícula azul do Connecticut e nos autocolantes do *ferry* de Nantucket, a descolarem-se na janela traseira. Uma sirene assinala o meio-dia num quartel de bombeiros das proximidades. O som começa baixo e suave, como uma trompa, e vai aumentando gradualmente até um gemido alto e prolongado, tão elevado e esmagador que ela tapa os ouvidos com as mangas do casaco fino de linho. Por fim, o semáforo muda para verde e, então, ela fecha todas as janelas. O condutor do autocarro atrás dela buzina — uma vez, educadamente —, e ela levanta o pé do travão até o carro começar a rolar.

A sirene morre. O ar dentro do carro está outra vez imóvel. Passa por restaurantes, lojas de roupa e supermercados, pelos quais passou durante décadas mas nos quais nunca entrou. Letreiros de ABERTO estão pendurados nas montras, grinaldas de bandeiras minúsculas, multicoloridas, batem ao vento por cima de um *stand* da *Cadillac*. Pelo espelho retrovisor, vê tudo a ficar mais pequeno.

Edith

Eles queriam margaridas em frascos de compota. Margaridas locais em cinquenta frascos, ou perto disso, que tinham reunido depois de ficarem noivos. Pareceu-me infantil, em especial porque June Reid não tinha propriamente um orçamento apertado para o casamento da filha. Mas quem era eu para dar uma opinião? Colocar margaridas em frascos de compota dificilmente pode ser considerado um arranjo floral de grande elegância — na verdade, mais parecia um arranjo de escola primária. Mas trabalho é trabalho e, por aqui, o negócio das flores é fraco, por isso aproveita-se o que se pode aproveitar.

Os frascos estavam em casa de June, armazenados em caixas no velho barracão de pedra, ao lado da cozinha. Eu devia levar as margaridas naquela manhã, e organizá-las nas mesas da tenda atrás da casa, assim que as toalhas e os talheres tivessem sido colocados. Tinha-as apanhado no dia anterior, no campo atrás da casa da minha irmã, que está sempre cheio de flores. Nunca fui uma grande fã de margaridas — sempre me pareceram mais ervas daninhas coloridas do que verdadeiras flores. Não é apenas o facto de serem baratas — para um casamento não são adequadas. Rosas, lírios, crisântemos, até tulipas e lilases, quando se procura algo menos sofisticado — mas margaridas, não.

Lembro-me de quando os dois entraram na loja. De mãos dadas, a pingar orvalho. Ela era parecida com a mãe, mas mais curvilínea. June tem (pelo menos, tanto quanto me recordo) uma figura mais arrapazada. E ele era encantador, suponho que verdadeiramente atraente, como o são os rapazes simpáticos, certinhos, que vão para a faculdade.

Eram jovens. Essa foi a impressão mais forte que me causaram. Eu pensava que as pessoas já não se casavam tão novas. Pelo menos, pessoas de famílias bem-sucedidas. Raparigas da povoação, grávidas e sem perspectivas, isso é uma coisa, mas uma aluna de Vassar com um emprego numa revista de Nova Iorque e um estudante de direito da Universidade de Columbia não são o tipo de miúdos que vemos a precipitarem-se para o altar. Mas juntos eram adoráveis, e estavam cercados por uma aura de sorte e amor que, para além de espicaçar a solteirona baixa, velha e amarga que sou, também me surpreendeu. Aquele tipo de afeto é algo que, por aqui, não se vê com muita frequência. Os casais locais, até mesmo os mais jovens, estão desgastados por dois empregos, horários escolares, obrigações familiares, e demasiadas dívidas. E os mais velhos — com o pagamento atrasado das suas hipotecas, bilhas de gás propano para encher, e filhos e filhas a faltarem à escola, a bater com carros e a meterem-se em rixas no Tap — estão demasiado cansados, já para não dizer demasiado ocupados a representar aos fins de semana o seu papel de pessoas do campo alegres para os nova-iorquinos mimados e exigentes, gastando até à última gota de cortesia e paciência naqueles desconhecidos, sem que lhes reste nada para as suas mulheres ou maridos. Os veraneantes de fim de semana vindos da cidade, para além de ficarem com as melhores casas, vistas, comida, e, sim, flores, que a nossa pequena povoação tem para oferecer, também tiram o melhor de nós. Chegam no final de cada semana, enviando mensagens de texto e ligando para comboios e carros com as suas exigências — caminhos de acesso que têm de ser limpos, madeira para empilhar, relvados para aparar, calhas para desentupir, crianças que precisam de amas, mantimentos que têm de ser comprados, casas que precisam de ser limpas, almofadas que precisam de ser sacudidas. Nalguns casos, até colocamos as suas árvores de Natal após o Dia de Ação de Graças e tiramo-las após o Ano Novo. Eles nunca sujam as mãos com qualquer das coisas com que os restantes de nós têm de as sujar, nem se sobrecarregam com o peso real do que quer que seja. Não os suportamos e, no entanto, somos suportados por eles.

É um pacto rancoroso, que resulta para a maior parte de nós. Mas, de vez em quando, há alguns deslizos. Como quando Cindy Showalter, empregada de mesa do Owl Inn, cuspiu no rosto de uma velha que murmurou algo insultuoso, quando Cindy não percebeu o tipo de queijo que a mulher estava a pedir. *Quem já ouviu falar de um queijo chamado Explorer???*, perguntou-me ela na igreja. Abanei a cabeça, e mais tarde fui à Internet e encontrei um queijo chamado *Explorateur*, que tenho a certeza nunca foi servido em nenhum dos restaurantes das redondezas. Também houve o incêndio que eclodiu no celeiro em Holly Farm e matou três cavalos. Nada ficou provado, mas todos sabemos que foi Mac Ellis, o antigo caseiro, que pegou fogo ao local depois de ser despedido por Noreen Schiff por falsificar os recibos todos os meses. Aparentemente, fizera-o durante anos, mas o contabilista citadino de Noreen acabara por o perceber. Nunca foi preso, mas a notícia espalhou-se e ele perdeu alguns trabalhos. Há muito ressentimento a ferver sob os sorrisos, os *prazer em vê-lo*, e os *não há problema, não me importo de fazer isso* desta terra. Assim, quando alguém ultrapassa algum limite, a situação pode tornar-se desconfortável.

Muitas pessoas, sobretudo as raparigas mais novas, acharam que June Reid o tinha ultrapassado quando começou a andar com Luke Morey. Tinham sempre feito um grande burburinho a seu respeito. Ele era bonito, tenho de o admitir. Nada de surpreendente, já que no seu tempo o pai de Lydia era terrivelmente bonito, e Lydia sempre foi aquilo que os homens parecem achar atraente. Apesar disso, grande parte da boa aparência de Luke vem do facto de ele não se parecer com ninguém por aqui. Era como uma orquídea selvagem, a crescer num campo de feno. Nunca ninguém soube quem era o pai, mas sabia-se com toda a certeza que era preto. Odeio dizer o que isto sugere acerca desta povoação: que não há aqui praticamente ninguém que pudesse ter sido o pai. O casal mais velho de Cornwall, cientistas reformados de Boston, agora já falecidos, eram um casal misto — ela preta, ele branco; e Seth, o filho adotivo do diretor da escola, é preto, mas tinha apenas seis ou sete anos quando Luke nasceu. Esta era a nossa povoação na

altura, algo em que na verdade ninguém pensava muito, exceto nas situações em que éramos expostos, como quando Lydia Morey teve o seu bebé. Passaram-se, pelo menos, três décadas desde que o rapaz nasceu, mas pouca coisa — pelo menos, nesse aspeto — mudou. Como é natural, mais veraneantes de fim de semana, menos famílias locais, que uma a uma venderam as suas quintas, terras e casas a pessoas que aqui passam poucas semanas no ano. Sábados e domingos, uma ou duas semanas no verão. A verdade é que a maior parte das casas desta povoação estão vazias. Elas piscam com geringonças de segurança, são esfregadas, desempoeiradas e atravancadas até ao teto com belos móveis, mas não são habitadas. Há alguns meses, desci de carro a South Main Street — a meio da semana, nove da noite, depois de jantar em casa da minha irmã — e não havia uma luz acesa em lugar nenhum. A Lua estava cheia, por isso conseguia ver as chaminés e as lucernas mas, descendo até ao largo da povoação, casa atrás de casa estava às escuras. Naquela noite, e desde essa altura, ocorreu-me que já não vivemos numa povoação, pelo menos não numa povoação real. Vivemos num museu dispendioso, um que só abre aos fins de semana, e nós somos os seus empregados de limpeza.

Antigamente a maior parte das casas grandes e antigas de Wells eram propriedade de, e ocupadas por, famílias locais. Sei-o porque cresci numa. Certo, era o presbitério de St. David onde o meu pai serviu como vigário durante mais de trinta anos, mas naquele tempo aquela posição vinha com uma casa de seis divisões, quatro lareiras e um celeiro nas traseiras. Agora, temos uma vigária — uma mulher chamada Jesse, se é que se pode acreditar numa coisa destas —, que divide o seu tempo entre três igrejas e vive num apartamento em Litchfield. A igreja aluga o presbitério a uma família jovem da cidade que vem até cá, sim, adivinharam-no, aos fins de semana. Claro que nunca (pelo menos, que eu o tivesse visto) puseram um pé em St. David. O que não é de surpreender, já que apenas quinze de nós, ou perto disso, ainda vamos à missa aos domingos de manhã. Tal como as casas do largo, a antiga igreja está vazia, excetuando algumas horas aos fins de semana. O meu pai reformou-se há anos e morreu pouco depois, mas eu ainda lá

vou todos os domingos. Guardei a sua velha chave, por isso vou cedo e preparo as flores do altar, com tudo aquilo que não se vende na loja e que vai ser deitado fora. Dos bancos, ninguém consegue ver as pétalas a murchar.

Alguns dos idosos de St. David poderiam ficar chocados se soubessem que desisti de Deus há muito tempo, quando a minha mãe começou a desvanecer-se na doença de Alzheimer, que deve ser a maneira mais cruel e lenta de se sair daqui. Começou a partir quando eu ainda andava no secundário, e morreu uma semana depois do meu quadragésimo aniversário. Nessa altura, e muito tempo antes, já estava irreconhecível. Zangada, horrível, e completamente dependente de mim. A minha irmã foi para a faculdade e eu fiquei em casa a ajudar o meu pai, que era demasiado orgulhoso e avarento para contratar alguém para o fazer. Não que eu precisasse de alguém, mas não é propriamente fácil encontrar um namorado, muito menos um marido, quando vivemos como uma enfermeira gratuita e permanente em casa dos nossos pais. Não perco tempo a desejar que as coisas tivessem sido diferentes, e não finjo que se tivesse rezado mais tê-lo-iam sido. Agora já há muito que estou sozinha, sem a ajuda de Deus ou de um marido.

A maior parte das pessoas com quem cresci mudaram-se para Torrington, ou atravessaram a fronteira do estado para Millerton ou Amenia, e mesmo essas povoações estão a tornar-se caras. Mas alguns conseguiram enterrar-se nos seus cantos, enfiar-se nas suas dobras e ficar, tal como eu o tenho feito. Lydia Morey também o fez, embora seja difícil imaginar porquê. É o último membro da sua família por estes lados, e quando digo família não me refiro aos Morey. Acho espantoso que ela tenha mantido esse nome. Ela é uma Hannafin, e sabe-o. É impossível adivinhar o que alguma vez passou pela cabeça dessa mulher, por isso a sua decisão de manter aquele apelido não é mais surpreendente do que decidir ficar por aqui, depois de dar à luz um bebé preto. Quando Luke nasceu, tornou-se óbvio para todos que Earl Morey, o marido ruivo e sardento de Lydia, não era o pai. Naquela mesma noite, ele fez as malas a Lydia e disse-lhe para nunca mais voltar. Ela foi diretamente da maternidade para o sofá da casa da mãe. Na altura,

a sua mãe ainda era viva, e durante algum tempo tomou conta dos dois, mas nunca fez segredo do seu desgosto. Na época, trabalhava como empregada bancária, e podíamos ouvi-la no *drive-through* a falar com quem a quisesse ouvir acerca da sua filha lunática, que ela tinha a certeza se juntara a cultos, homens negros e só Deus sabia mais o quê. Puseram-se todos do lado de Earl, que pertence a uma família grande que vive por aqui há uma eternidade, e durante algum tempo Lydia Morey foi ostracizada — tanto quanto se pode ser numa povoação de mil e quinhentas pessoas, metade das quais raramente aqui vive.

Com o passar do tempo, a maior parte das pessoas começou a reconsiderar. Sempre gostaram de Luke, em especial durante o período que ele passou no secundário, quando bateu recordes estatais de natação e ainda mais, acho, quando o seu nome foi sussurrado para os Jogos Olímpicos; mas Lydia continuou a ser uma solitária, com exceção de algumas pobres escolhas no departamento masculino. Para ser justa, por aqui, a colheita é escassa, e a pobre mulher, bonita como é, fez o melhor que podia. Com opções tão fracas, alguém como Luke Morey, assim que melhorou o seu comportamento, tornou-se o ganso premiado da feira para as mulheres da povoação. A sua pele era definitivamente a do pai, quem quer que ele fosse, mas tinha os olhos verdes e afastados da mãe, e maçãs do rosto salientes. A acrescentar tinha, pelo menos, um metro e oitenta e três, e uma empresa de jardinagem com um certo sucesso, e isso era suficiente para virar algumas cabeças. Ele virou cabeças durante toda a sua vida, mas nunca tantas como quando foi parar à prisão, poucos meses depois de terminado o secundário e, em seguida, mais tarde, quando foi viver com June Reid que, para além de ser da cidade, era vinte anos mais velha. Desde que nasceu, aquele rapaz tornou-se o tema de todas as conversas, e depois do que aconteceu, o modo como partiu e o número de pessoas que levou com ele, sê-lo-á sempre.

Naquela manhã, quando fui até à casa de June Reid com as margaridas, e vi o pesadelo que cercava a sua propriedade — todo aquele fumo, a antiga casa de pedra destruída pelo fogo, a tenda vazia —, não parei. Continuei a conduzir. Sem pensar, dirigi-me

diretamente para a casa da minha irmã, onde nos sentámos a beber chá de hortelã, acabada de apanhar no seu jardim. Já lhe tinham ligado — não sei quem o fez —, e ela contou-me o que acontecera. Tinham morrido todos — o jovem casal, o ex-marido de June, e aquele maldito Luke Morey. Durante muito tempo, limitámo-nos a ficar ali sentadas a ver o vapor a erguer-se das velhas chávenas de porcelana verde-clara da nossa mãe. Mais tarde, saí pela porta das traseiras, para o campo atrás da sua casa. Estive ali durante horas, sem saber o que fazer ou para onde ir. Deambulei por entre a relva alta e todas aquelas margaridas horríveis, desde o limite do bosque até à estrada, para trás e para a frente, para trás e para a frente, passando as minhas mãos velhas e enrugadas sobre todas aquelas ervas daninhas, cintilantes e desafortunadas. Por fim, voltei a entrar na casa. Passei ali a noite. E a noite seguinte também.

Aquelas margaridas não foram desperdiçadas. Utilizei-as todas. Não chegaram a ver o interior dos frascos de compota, mas encontraram o seu caminho até uma centena, ou mais, de funerais. Mesmo quando ninguém as pedia — e convenhamos, ninguém pedia —, eu ainda encontrava uma maneira de as utilizar. Nunca fui acusada de ser um coração mole, mas quando acontece algo como aquilo que aconteceu a June Reid naquela manhã, sentimo-nos de imediato a pessoa mais pequena e fraca do mundo. Que nada daquilo que fazemos pode ter alguma importância. Que nada tem importância. É por isso que, quando tropeçamos em algo que podemos fazer, nós fazemo-lo. Assim, foi isso que fiz.